

Marcadores discursivos, articulação narrativa e memória dos velhos de Arara em Teixeira de Freitas (BA)

Discursive markers, narrative articulation and memory of the Arara elders in Teixeira de Freitas (BA)

DOI 10.20396/lil.v26i52.8673702

Bougleux Bonjardim da Silva Carmo
UESC

Resumo

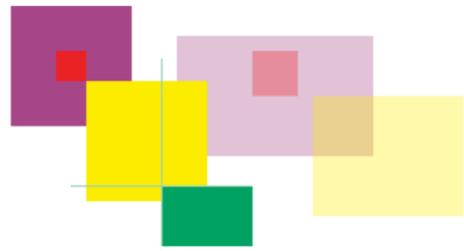
Este artigo descreve as funções dos marcadores discursivos (MD) no processo de articulação de narrativas orais de velhos da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). Para tanto, o foco desloca-se às formas que exprimem (inter)subjetividade. Como enquadre teórico, a descrição apoia-se na Pragmática em perspectiva cognitivo-enunciativa e em estudos narratológicos de base interativa, precipuamente, nas obras de Alexandra Georgakopoulou e Neal Norrick. Metodologicamente, analisa-se um *corpus* de narrativas de 09 sujeitos da referida comunidade com destaque aos MD presentes nas *pequenas estórias* construídas conjuntamente na conversação. Como resultado, demonstra-se que os MD sinalizam o planejamento *on-line* das narrativas, procedimentos de engajamento e avaliação, além a marcação de reparos diante dos lapsos de memória. Diante disso, aponta-se para a importância das unidades na instanciação e organização da memória sociocognitiva no plano discursivo-narrativo.

Palavras-chave: Marcadores discursivos, Memória, Narrativa.

Abstract

This paper describes the functions of discourse markers (DM) in the process of articulating oral narratives of old people from the Arara community in Teixeira de Freitas (BA). For this, it focuses on the forms that express (inter)subjectivity. As a theoretical framework, the description is based on Pragmatics from a cognitive-enunciative perspective and on interactive-narratological perspective, mainly by Alexandra Georgakopoulou and Neal Norrick. Methodologically, we analyze a *corpus* of narratives of 09 subjects from the Arara community with emphasis on the DM present in the *small stories* collaboratively constructed in conversation. As a result, it is shown that the DM signal the online planning of the narratives, engagement and evaluation procedures, and the marking of repairs in the face of memory lapses. Thus, it points to the importance of units in the instantiation and organization of sociocognitive memory at the discursive-narrative level.

Keywords: Discourse markers, Memory, Narrative.



Introdução

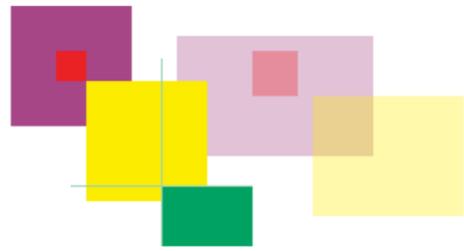
Ao contar suas histórias, uma pessoa idosa¹ aciona recursos linguísticos diversos para articular sua narrativa, considerando limitações biológicas específicas advindas da idade avançada, tais como os lapsos de memória mais frequentes, maior interveniência de pausas, extenso apoio de marcas lexicais de lugar e tempo, repetições, dentre outros elementos (PRETI, 1991). Não seria diferente com os velhos² de Arara, uma comunidade rural com remanescentes de quilombolas em Teixeira de Freitas (BA). Sendo assim, importa perscrutar a recapitulação da experiência em narrativas de velho.

Na verdade, ao transformar as experiências e vivências no local de pertença em discurso narrado, os sujeitos recorrem aos diferentes recursos linguísticos, dentre eles, os marcadores discursivos (doravante MD). Por isso, o propósito deste artigo é descrever a multifuncionalidade dos MD na articulação da conarração na modalidade falada. Nesse âmbito, então, convém destacar o papel das referidas unidades no processo colaborativo de (re)construção da memória no discurso narrado.

Com efeito, para compreender tal articulação, é preciso ter em conta que, na interação conversacional, os sujeitos co-constroem histórias com diferentes estruturas, conforme o propósito comunicativo *in loco* (GEORGAKOPOULOU, 2015) e, por essa razão, há uma espécie de emolduramento da memória no discurso (HIRST; ECHTERHOFF 2011) que se dá no trabalho colaborativo de construção da narrativa, lugar de partilha e esforço de rememoração (NORRICK, 2019). Sendo assim, o olhar sobre as funções dos MD nesta conjuntura pressupõe considerar aspectos culturais, afetivos e os próprios acontecimentos que formam, de acordo Bosi (2004), a substância social da memória da comunidade em tela. Igualmente, tem-se em conta o horizonte pré-discursivo de qualquer produção verbal de seus falantes (PAVEAU, 2013; 2015) como insumo teórico e categoria analítica.

¹ Neste trabalho, entende-se o termo idoso como uma acepção constituída em um contexto sociojurídico a partir do Estatuto do Idoso, categoria que historicamente contou com a intervenção de estudos gerontológicos e diferentes demandas sociais por reconhecimento, ao que se chama, atualmente, como terceira idade (BRASIL, 2013; COUTRIM, 2006).

² Velho, neste artigo, corresponde à categoria teórico-sociológica que exprime uma determinada condição social do sujeito (BOSI, 2004), destituído, pois, das conotações oriundas do senso comum em relação ao termo.

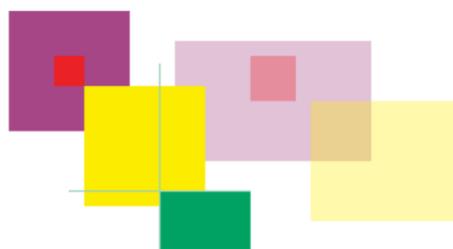


Por sua vez, os MD são formas lexicais, sintagmas ou expressões multifuncionais que possuem significado procedural e inferencial na comunicação (PORTOLÉS, 2001), bem como exercem destacados papéis na articulação textual-interativa, isto é, tanto atuam na organização discursiva de um texto quanto no trabalho interativo extratextual (RISSO; SILVA; URBANO, 2002). Por essa razão, este artigo ancora-se nos estudos da Pragmática Linguística acerca dessas unidades, bem como faz interface com as investigações sobre narrativa em perspectiva interativa (GEORGAKOPOULOU, 2015; NORRICK, 2019). Em meio a esse enquadre teórico, adota-se a acepção da memória como um processo sociocognitivo distribuído (HIRST; ECHTERHOFF 2012; PAVEAU, 2013; 2015).

Sendo assim, a descrição e análise dos MD no plano da conarração implica uma investigação de cunho interdisciplinar (BASTOS, 2004). Não obstante, teorizar acerca dos MD a partir dos dados de fala de moradores antigos da comunidade Arara é, para além dos objetivos científicos, evidenciar a importância da memória social e da riqueza linguística locais, enquanto posição política pressuposta. Defende-se, portanto, que a pesquisa linguística não apague os sujeitos sociais que contribuíram para sua fundamentação³, já que os dados de fala, no caso deste trabalho, exprimem aquilo que é caro aos narradores, ou seja, suas lembranças.

Tais pressupostos justificam por si só a incursão deste estudo, mas também a necessidade de ampliar a descrição dos MD presente na literatura que, mormente, detém-se no discurso oral culto (RISSO; SILVA; URBANO, 2002) e em textos escritos (PORTOLÉS, 2001). Por conseguinte, busca-se contribuir com a descrição dos MD no discurso oral em registro informal e de sujeitos, em geral, sem escolarização ou com escolarização incompleta, tal como os (as) idosos (as) desta pesquisa que são agricultores (as), parte deles (as) aposentados (as), evidenciando as especificidades do texto oral popular. Por isso, subjaz ainda a orientação voltada à análise qualitativa, a partir de um *corpus* constituído de narrativas de velhos (CARMO, 2021a; 2021b; 2021c) para questionar como os MD contribuem no processo de conarração e articulação textual-discursiva da memória.

³ Importa destacar a importância da coexistência de diferentes perspectivas de análise linguística e os modos de negociar a presença dos sujeitos na pesquisa descritiva ou analítica em geral. Para efeitos deste trabalho, no qual narrativa e memória estão no horizonte da discussão ou como objeto/materialidade da análise, assume-se que evidenciar os padrões linguísticos deve ser uma ação *pari passu* à posição política de valorização dos sujeitos da pesquisa como um todo. Sendo assim, este trabalho tanto põe em relevo as funções dos MD, consoante o objetivo científico traçado, como também destaca a cultura e a memória da comunidade Arara.

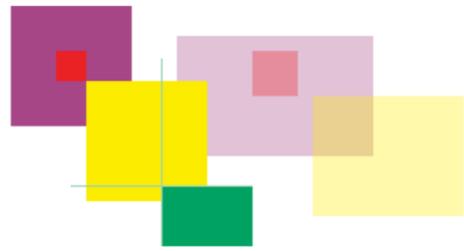


Tendo em vista essa problemática, são selecionadas amostras de pequenas histórias do *corpus* – conforme modelo constante em Georgakopoulou (2015) - e os marcadores nelas emergentes e atuantes. Neste âmbito, importa, *a priori*, o destaque e descrição dos MD presentes no *corpus* e, na sequência, a análise de suas funções na correlação com a estruturação discursivo-textual das narrativas. Concomitantemente, a discussão da relação desses elementos com a verbalização do conteúdo mnemônico, considerando o *hit et nunc* enunciativo e interacional. Destarte, tem-se como hipótese que os MD funcionam, no bojo da articulação textual, como importante instrumento de distribuição da memória, assim como exprimem o planejamento local e (inter)subjetivo na conarração em função das limitações esperadas na linguagem de pessoas idosas (PRETI, 1991).

Para melhor apresentação retórica e organização da presente investigação, as seções estão assim dispostas: dois segmentos teóricos acerca da temática e do campo de pesquisa em questão. Na sequência, delineia-se a estrutura metodológica do trabalho, apresentando os sujeitos, *corpus* e contexto dos dados. Finalmente, realiza-se a análise descritiva dos MD consoante as amostras de pequenas histórias do *corpus*, seguindo-se das considerações finais, que apresentam os desdobramentos deste estudo.

1. Breves notas sobre marcadores do discurso

A conceituação, a taxionomia, a terminologia e o modo de analisar o fenômeno linguístico chamado de *marcadores discursivos* (MD) dependem epistemologicamente do enquadre teórico que o toma como objeto (PENHAVEL, 2005). Na perspectiva pragmática e cognitiva na qual este trabalho se filia, os MD formam um conjunto de unidades linguísticas que, estando à margem da predicação oracional e sem exercer uma função sintática determinada, possuem a função central de guiar as inferências realizadas na comunicação, pois dispõem de distintas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, tais como *instruções formulativas*, *informativas* e *argumentativas* que ancoram seus significados em dado contexto (PORTOLÉS, 2001). Conforme Penhavel (2005), os MD caracterizam-se, portanto, pelo estatuto subsidiário em termos gramaticais, multifuncionalidade contextual e atuam no contínuo oral-escrito. Tal definição amplia-se na Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (2001), para quem a comunicação se dá entre sujeitos mediante um processo que cognitivamente busca o menor esforço para o entendimento, pois há uma parte codificada e outra parte resultante de inferências em toda situação de comunicação.

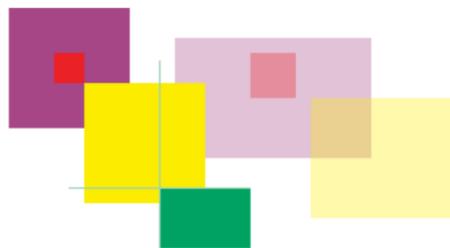


Nessa direção, quem comunica o faz sob a *presunção de relevância*, buscando a relação entre o dito e o contexto (PORTOLÉS, 2001; SPERBER; WILSON, 2001). Isso pressupõe um constante processo de interpretação a partir do princípio de relevância que subsume as máximas griceanas - enquanto regras culturais - em um princípio cognitivo e natural. Há, pois, o contexto mental formado por regras que residem na memória dos interlocutores, mas também aquelas que derivam do contexto imediato (PORTOLÉS, 2001; SPERBER; WILSON, 2001).

Consoante explicita Blakemore (2002), os MD, sendo partículas oriundas de diferentes classes gramaticais – especialmente advérbios, conjunções, interjeições e outros tipos de locuções e construções – funcionam a partir de significados não conceituais, mas procedimentais, sinalizando o trajeto ou percurso inferencial produzido conforme as intenções comunicativas. Sendo assim, tais unidades não contribuem para as condições de verdade de um proferimento ou elocução, nem mesmo amplia os significados conceituais em dado contexto, mas realizam um processamento da informação, na otimização do esforço interpretativo, estabelecendo escalas argumentativas, estratégias de formulação discursiva, organização discursiva e outras inúmeras propriedades (PORTOLÉS, 2001). Para esses autores, significados conceituais e procedimentais também se articulam, bem como estão à deriva das sedimentações e mudanças naturais da língua em função do uso.

Por sua vez, no enquadre textual-interativo, os MD estão no contínuo oral-escrito, seja funcionando mais orientados ao texto, seja mais orientados à interação (RISSO; SILVA; URBANO, 2002), bem como funcionam articulando diferentes porções ou partes do discurso (PORTOLÉS, 2001). Em outros termos, atuam na *articulação tópica, intertópica e intratópica* no texto escrito ou conversacional (PENHAVEL, 2011). Entende-se por tópico como uma unidade discursiva centrada em determinada temática, circunscrita por sua *concernência, pontualização e relevância* (JUBRAN, 2011; 2015). Assim, é possível identificar em qualquer fragmento textual – de qualquer modalidade ou gênero – seu estatuto tópico.

Para efeitos de exemplificação, vejamos duas amostras retiradas do *corpus* deste trabalho, nas quais as locutoras, que são irmãs, relatam sobre como ocorriam os partos na comunidade Arara no passado, como se vê abaixo:



Graci: Oh meu foi três parteira e três foi no hospital ... foi ganhei...
um foi essa mulher aí que... essa mulher de lá de Serrinha... e outro
foi o primeiro foi uma uma velha que tinha aqui mas ela já foi lá pra
São Paulo... e:: o ... a outra foi... dois foi dona Cerlita

Figura 1 – MD orientado para o texto

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na figura 01 acima, ao tecer seu comentário, a locutora vale-se de lexemas - *e*, *aí*, *mas* - que funcionam como MD para realizar a articulação textual de suas elocuições e, dessa forma, garantir concomitante e respectivamente continuidade tópica, sequencialização temporal e ressalva no contexto acima. Não obstante, o foco pode voltar-se à interação. Observe-se o excerto abaixo:

Benedita: eu falei assim "não eu não dou não... não dou não porque assim
assim como Deus me deu a a oportunidade de eu ganhar... rastando a barriga
no chão eu posso criar... tinha pai tinha mãe

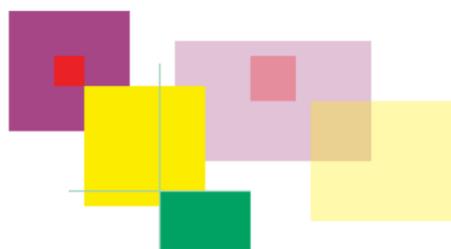
Graci [tinha pai
tinha mãe né e tinha oportunidade de criar... como é que a gente vai dar né?

Figura 2 – MD orientado para o texto

Fonte: Elaborado pelo autor.

A primeira locutora narra, mediante discurso reportado, sua negativa em “dar” (doar) seus filhos para que outras pessoas criassem. Porém, a interlocutora, ao sobrepor sua fala na elocução, encerra a intervenção de seu turno como o MD *basicamente interacional* – *né?* – sinalizando efeito intersubjetivo, ou seja, uma marca da interpelação do outro e concomitante expectativa de responsividade. Na prática, consoante se observa nos excertos, as formas utilizadas não apresentam quaisquer conteúdos conceituais e, inclusive, poderiam não ser utilizadas. Apesar disso, as condições de verdade e o propósito comunicativo seriam alcançados.

Sob essa ótica, o sentido do uso dessas unidades é procedimental ou procedural, pois contribuem para facilitar o trajeto inferencial pretendido e as relações semânticas que não estão necessariamente codificadas, mas pressupostas contextualmente. Convém ressaltar, todavia, que há substancial literatura acerca da multifuncionalidade dos MD.

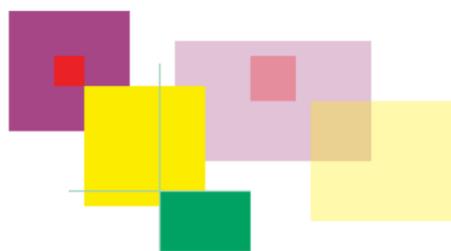


Embora não seja propósito deste trabalho aventá-la, apresenta-se um quadro-síntese⁴ com as principais funções, de acordo Portolés (2001), tendo exemplos pertinentes ou correlatos retirados do português brasileiro (PB) (RISSO; SILVA; URBANO, 2002):

Tabela 1 – Classificação dos marcadores discursivos.

Grupos centrais	Subgrupos	Exemplos do PB
ESTRUTURADORES DA INFORMAÇÃO	Comentadores	<i>Pois bem, pois é, então etc.</i>
	Ordenadores	<i>Em primeiro lugar, de um lado, de outro, em segundo etc.</i>
	Digressores	<i>A propósito, aliás etc.</i>
CONECTORES	Aditivos	<i>Ademais, além disso, inclusive, igualmente etc.</i>
	Consecutivos	<i>Portanto, então, pois, assim pois, afinal etc.</i>
	Contra-argumentativos	<i>Mas, porém, todavia, ao contrário, contudo etc.</i>
REFORMULADORES	Explicativos	<i>Ou seja, quer dizer, isto é, em outras palavras etc.</i>
	Retificadores	<i>Melhor dizendo, ou melhor etc.</i>
	De distanciamento	<i>Em todo caso, de todo modo, de qualquer forma etc.</i>
	Recapitulativos	<i>Em suma, enfim, em conclusão</i>

⁴ Considerando os limites do trabalho, a descrição do *corpus*, em geral, não aborda detidamente o subgrupo dos conectores por duas razões: a primeira, pelo fato de que os valores semânticos por vezes se confundem com relações lógico-discursivas e, em segundo, porque a análise iria requerer um maior espaço para explicitação dos referidos valores, considerando ainda a substancial literatura acerca desse grupo de MD. Sendo assim, deixa-se para outra oportunidade a discussão aprofundada dos conectores na linguagem oral popular e sua articulação com a memória cognitivo-discursiva.



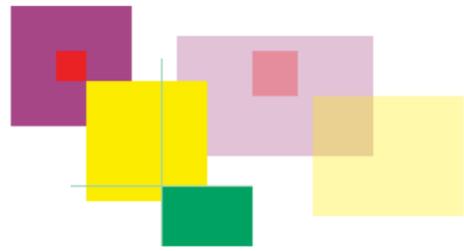
		<i>etc.</i>
OPERADORES DISCURSIVOS	De reforço argumentativo	<i>Na realidade, na verdade, de fato, com efeito etc.</i>
	De concreção	<i>Por exemplo etc.</i>
	De formulação	<i>Bom, então, olha só etc.</i>
CONTROLE DE CONTATO		<i>Né? Um hum, certo? Etc.</i>

Fonte: Portolés (2001, p. 146 adaptado).

O quadro acima facilita a localização das funções pragmáticas. Igualmente, muitas unidades se articulam também em relações lógico-semânticas tanto em construções ou cláusulas coordenativas quanto subordinativas, assim como exprimem funções retóricas e interativas em geral. Dessa forma, o processo de descrição e análise, que se dá contextualmente, encontra um ponto de apoio em sentidos relativamente estabilizados. Todavia, o olhar sobre o *corpus* se detém em formas que articulam, textual e interativamente, a construção do discurso-texto narrado e a conarração, qual seja o trabalho de construção colaborativa da memória e da narrativa na materialidade discursiva.

2. Narrativa e memória em interação: o modelo *pequenas estórias*

O presente estudo filia-se às correntes teóricas que concebem a memória como um fenômeno sociocognitivo, discursivo e distribuído. Neste prisma, a dimensão sociocognitiva refere-se à co-construção narrativa dos eventos pelos interlocutores em interação, tendo em conta a instanciação da memória distribuída e a própria narrativa como uma espécie de mosaico (NORRICK, 2019). Por isso, é no discurso que as diferentes vozes sociais se manifestam como pressuposto da inter-relação entre enunciados, conforme a filosofia da linguagem bakhtiniana, assim mesmo porque é na construção social do discurso que a historicidade se manifesta na materialidade linguística, marcando, pois, uma relação discursivo-mnemônica (COURTINE, 2006).



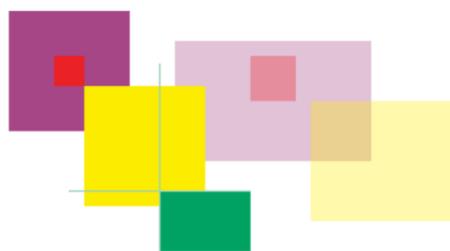
Neste âmbito, a atuação distribuída da memória se faz porque o ser humano não se constitui apenas em sua “internalidade” e interioridade, mas também em seu avesso e, por essa razão, a memória se apoia no ambiente, nos dados, objetos e coisas da exterioridade, coconstrutores do “ambiente” interno (PAVEAU, 2015). Igualmente, intervêm as mediações semióticas pelas quais a memória se torna extensiva nas dobras da relação interno-externo no contexto de um processo dinâmico. Tal processo é favorecido pela cadeia de textos e relações dialógicas fundamentais, pelas quais as enunciações se interpenetram e influenciam-se (WERTSCH, 2006). Portanto, há um profundo trabalho colaborativo, enunciativo e dialógico na inter-relação entre memória, narrativa e discurso.

De um lado, os dados da memória também formam o horizonte pré-discursivo em forma de linhagens que são materializadas enunciativamente (PAVEAU, 2015). De outro, os processos de esquecimento também se tornam pontos-chave em qualquer mediação semiótica, interação comunicativa e co-construção discursiva. Tanto a rememoração quanto o esquecimento são trabalhos, pois requerem um esforço do(s) sujeito(s) em parte intencional e em parte inconsciente⁵. Há, pois, lembranças evocadas conscientemente e outras que insurgem a contragosto do sujeito, isto é, a despeito de sua vontade.

Na prática, na elaboração das próprias formas semióticas da realidade, os episódios de memória coletiva, por exemplo, podem operar de forma inconsciente (WERTSCH, 2006). Por isso, o discurso narrativo não deixa de ser uma forma de mediação semiótica e um mecanismo de elaboração da realidade e das vivências, ora recuperadas nas estórias como ressignificação e reconstrução das memórias (FLANNERY, 2015; NORRICK, 2019). Por isso, neste estudo, adota-se o modelo de análise de Georgakopoulou (2015), uma vez que se considera a *performance narrativa*, ou seja, o que os sujeitos fazem quando narram, além da importância do contexto de enunciação e da variedade de modos de organização estrutural, o que o torna um constructo teórico plástico para lidar com diferentes situações sociocomunicativas, consoante heurística própria de análise.

Os pressupostos acima estão sintetizados no quadro abaixo, expondo os critérios de análise estruturais rigorosos, porém flexíveis e éticos para propiciar uma via intermediária que considere diferentes camadas e possibilidades descritivas, a saber:

⁵ Assume-se a perspectiva psicanalítica de que há instâncias do pensamento, da memória sociodiscursiva e da cognição que não passam pelo crivo da racionalidade e da consciência, mas são frutos de uma instância relativamente autônoma e com funcionamento específico da mente e do discurso (COURTINE, 2006).

Tabela 2 - Pequenas estórias – *small stories*.

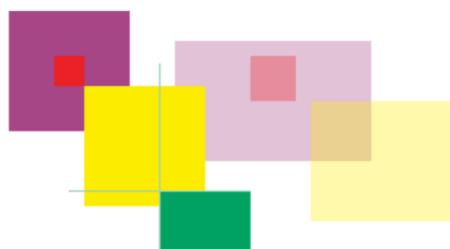
Modos de contar <i>Ways of telling</i>	Lugares - sites	Narradores - Tellers
Formas socioculturais, convenções semióticas, escolhas verbais, gêneros textuais, constructos recorrentes etc.	Espaços sociais, fatores contextuais, situação comunicativa, ferramentas de mediação locais etc.	Narrador, sujeito narrador, personagens envolvidos, indivíduo singular, membros de grupos sociais e culturais diversos.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Georgakopoulou (2015).

O modelo não despreza as formas narrativas canônicas que, em geral, posicionam o narrador como totalmente ativo, que conta algum relato considerado reportável e, geralmente, posto em organização temporal linear (LABOV, 1997). Na verdade, o estudo das pequenas estórias (doravante PE) congrega essa e quaisquer outras possibilidades não canônicas de estruturação, tais como formas atípicas, não lineares ou geralmente consideradas não reportáveis, apresentando natureza hipotética, proporções curtas, com diferentes modos de interação e, centralmente, aquelas que provêm de vozes sociais silenciadas histórica e politicamente. Em suma, constitui-se em uma contracorrente de análise, já que qualquer produção de memória e esquecimento se dá no bojo de processos socioculturais, políticos e históricos que são moldados por recursos textuais profundamente dialógicos (WERTSCH, 2006).

3. Metodologia: *corpus*, sujeitos e contexto

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que as ocorrências são analisadas em termos de sua funcionalidade e a partir da dimensão compreensiva das relações intrínsecas e extrínsecas à materialidade linguística. Nesta direção, a análise indutiva se dá sob o pressuposto do cuidado com as generalizações e homogeneizações, mas com o olhar contextual e ético (BASTOS; BIAR, 2015). Uma vez que se toma a narrativa como objeto de investigação, a própria coleta dos dados se efetivou a partir da experiência narrativa da construção dos dados de fala (CLANDININ; CONELLY, 2015).



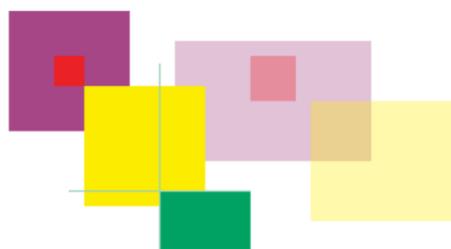
Nessa ótica, os sujeitos da pesquisa e o(a) pesquisador(a) são sujeitos envolvidos na construção do discurso, seres sociais que moldam a cena da enunciação. Para tanto, elege-se o modelo *small stories* (GEORGAKOPOULOU, 2015) como enquadre analítico, visto adequar-se aos pressupostos de que a realidade e as experiências também são constituídas de fragmentos narrativos, com os quais os sujeitos buscam apreender as discontinuidades da memória, das lembranças e das vivências (CLANDININ; CONELLY, 2015). As estórias analisadas neste artigo são oriundas de entrevistas em profundidade, procedimento que permite a interação e conversação tanto formal quanto informal (BONI; QUARESMA, 2005), posto que "a entrevista é compreendida como um evento social, em que o discurso é cooperativamente construído" (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 10).

No presente caso, importa endossar que a espontaneidade é um fator que depende de algumas variáveis, a saber: a) a confiança entre sujeitos entrevistados e entrevistador; b) determinada "perda" da referência da situação de gravação, ou seja, o sujeito entrevistado deixa de perceber em dado momento que a situação/fala é gravada; c) a relação ética e o pacto criado acerca do que será feito com os dados. Por fim, as estórias são parte do *corpus* de narrativas de Carmo (2021a).

Consideram-se os dados de fala e a participação dos sujeitos como parte da construção discursiva da memória local, melhor dizendo, o presente trabalho também se caracteriza como uma contribuição à memória social da comunidade em estudo, posicionando o protagonismo dos interlocutores. Neste ponto, entende-se que há a construção também das identidades coletivas, da negociação de papéis e da ressignificação das estórias locais (BASTOS; SANTOS, 2013). Durante a coleta dos dados, ocorrida em 2020, seguiram-se todos os protocolos de distanciamento social e de segurança⁶, em função do contexto pandêmico e legislação pertinente à pesquisa com humanos⁷ (BRASIL, 2016).

⁶ A pesquisa de campo ocorreu com aprovação de comitê de ética, bem como foram necessários contatos prévios e negociação com os sujeitos para que a abordagem fosse segura. Para tanto, a coleta de dados ocorreu, em geral, ao ar livre ou nas varandas das casas, adotando o distanciamento seguro, utilização das máscaras de proteção, álcool em gel 70%, assim como algumas interações ocorreram após a aplicação da 1ª dose da vacina contra a Covid-19 e com a presença de agente de saúde, precipuamente nas primeiras visitas.

⁷ O presente trabalho é um recorte original em termos de objetivos, abordagem teórica e proposta analítica. No entanto, o *corpus* foi construído no contexto de pesquisa de tese, assim como o tratamento dos áudios e transcrições. Com efeito, a referida pesquisa teve aprovação em Comitê de Ética e Pesquisa - CAAE: 31347520.8.0000.8467.

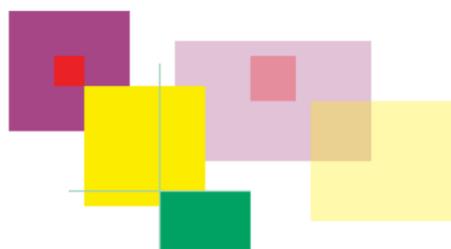


Para efeitos da descrição e análise, na primeira etapa, realizou-se a transcrição dos dados de fala, seguindo o padrão da Análise da Conversação (JUBRAN, 2015; PRETI, 2005), tais como os tipos de ocorrências, modo de sinalização e fonte distinta para a transcrição, consoante a tabela 03:

Tabela 3 – Chave de transcrição.

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de trecho	()	Do nível de renda () nível de renda
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamentos	/	E comé/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamentos de som	::	Ao emprestarmos éh::: ... dinheiro
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões
Comentários do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira?
Fala interrompida ou tomada	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira”

Fonte: Preti (2005, p. 19-20 - adaptado).



Na segunda etapa, o *corpus* foi descrito em termos de organização e hierarquização tópica (JUBRAN, 2015). Na sequência, realizou-se o destaque dos MD presentes na conversa do *corpus* e selecionaram-se algumas narrativas, contextualizando-as em relação à comunidade e aos sujeitos, ou seja, elementos da história, cultura e vivências da comunidade Arara e seus moradores. Na terceira, analisou-se o papel de cada ocorrência dos MD na articulação discursivo-textual na interação e as implicações no trabalho da mediação cognitivo-comunicacional e semiótica da memória social e coletiva.

Os sujeitos da pesquisa são velhos moradores de Arara, agricultores (as) nascidos (as) e/ou criados (as) na comunidade. Neste trabalho, são usados os nomes⁸ ou apelidos com os quais são comumente identificados (as) na comunidade. Destarte, considerando a heurística para análise narrativa por Georgakopoulou (2015) e relacionando-os com o conjunto do *corpus* e sujeitos da pesquisa, poder-se-ia compor a seguinte esquematização sem pretender totalização estrita:

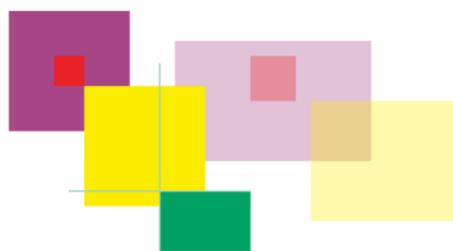
Tabela 4 - Pequenas estórias (PE) da comunidade Arara.

Modos de contar	Lugares	Narradores
PE em turnos de fala como respostas a questionamentos; PE do passado e do presente e em conversas informais; Uso da linguagem popular; Espontaneidade; Outros elementos.	Campo, roças e fazendas vizinhas; O rio, mata e estradas locais; A igreja e as moradias; Lugares de referências; Lugar imediato da narração (varanda da casa de Pedrina, casa do senhor Berly); Outros espaços de Arara.	Sujeitos da pesquisa; Agricultores (as); Aposentados (as); Católicos (as); “Nascidos e criados em Arara ⁹ ”; Participante do Projeto; Morador (as) antigo; Outras categorias.

Fonte: Elaborado pelo autor.

⁸ O artigo expõe os nomes verdadeiros dos sujeitos, tendo em conta o cuidado ético com os excertos analisados, pois se trata de permissão dada em caso de publicações educacionais, científicas e sem fins lucrativos. Além disso, todos (as) assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁹ No *corpus* de narrativas de Carmo (2021a), a expressão “nascidos e criados em Arara” é relativamente recorrente, marcando um modo singular e uma categorização própria dos sujeitos pertencentes à comunidade.



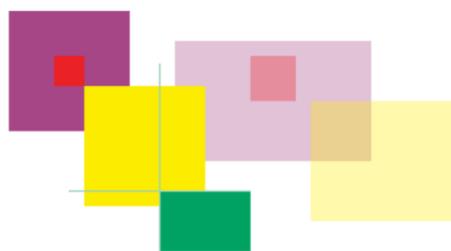
4. Análise dos dados: articulação textual-discursiva das pequenas histórias de Arara

Tendo por base as principais unidades entendidas como MD em dados do português brasileiro (RISSO; SILVA; URBANO, 2002), realizou-se uma busca utilizando o *software AntConc* (ANTHONY, 2013). O referido recurso propicia condições para o tratamento com metadados, codificações e organização quantitativa de dados por exemplo. Com fins à análise das ocorrências dos MD nas PE, a tabela a seguir apresenta os principais exemplares encontrados no *corpus*:

Tabela 5 – Marcadores discursivos no *corpus*.

MD	QTD ¹⁰	CLASSIFICAÇÃO / Principais funções semântico-pragmáticas encontradas
<i>Aí</i>	+ 1000	Operador discursivo – sequenciação temporal, dêixis etc.
<i>Ah</i>	106	Emotividade – instruções informativas – controle de contato
<i>De primeiro</i>	27	Estruturador textual – instruções formulativas
<i>Eh</i>	76	Controle de contato – formulação <i>on-line</i> / MD interacional
<i>Então</i>	139	Operador discursivo de formulação / reformulador recapitulativo
<i>Hein</i>	04	Controle de contato – interpelação / basicamente interacional
<i>Inclusive</i>	04	Conector aditivo – instruções informativas
<i>Né</i>	347	Controle de contato – instruções formulativas / MD interacional
<i>Oh</i>	156	Controle de contato – instruções formulativas / MD interacional
<i>Pois é</i>	49	Estruturação e comentário / MD textual e interacional

¹⁰ O quantitativo de unidades encontradas no *corpus* não pressupõe que exerçam sempre as mesmas funções. Além disso, o olhar qualitativo prepondera no presente estudo. Sobre a natureza do *corpus*, trata-se de um elemento que merece maior espaço para descrição que não cabe nos limites deste artigo. Sendo assim, o valor semântico-pragmático se apresenta como geral, conforme a literatura acerca dos marcadores do discurso.



<i>Quer dizer</i>	03	Reformulador de retificação – instruções argumentativas
<i>Viu</i>	56	Controle de contato – interpelação / MD interacional

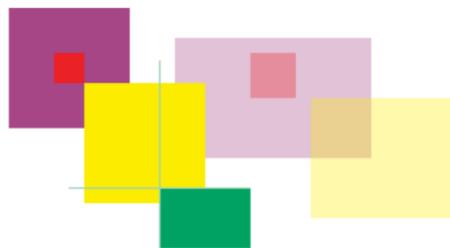
Fonte: Elaborado pelo autor.

A assunção de que os MD facilitam o processamento cognitivo e inferencial da comunicação (BLAKEMORE, 2002) é apenas uma parte da dimensão de seu papel na construção da narrativa, já que a extensão da inferencialidade pode ser considerada mais ampla. De fato, os processos inferenciais colocam em jogo os signos linguísticos, mas também imagens, sensações e outros elementos da “massa amorfa dos pensamentos”, em termos saussurianos (SAUSSURE, 2021), por sua vez, organizada como conteúdo proposicional. Em outros termos, a linguagem dá materialidade discursiva à natureza multissemiótica da memória. Na prática, tal materialidade torna visível e apreensível o universo cognitivo dos interlocutores (GOODWIN, 2015).

Outrossim, os excertos a seguir são analisados buscando a relação entre a emergência dos MD na articulação textual e, ao mesmo tempo, o modo como a narrativa reconstrói o material mnemônico evocado. Para tanto, as PE foram alocadas por afinidades temáticas – tópicos discursivos (JUBRAN, 2015) – para melhor situar os comentários analíticos e de ordem histórico-cultural, ou seja, os elementos mobilizados na articulação e construção das narrativas no decurso da interação que são, por sua vez, partícipes da dimensão pré-discursiva, o que implica um olhar ou uma abordagem *êmica* dos dados, do *corpus* e da memória como um todo (PAVEAU, 2013).

4.1. Memórias da natureza, trabalho e vivências no campo

Os MD contribuem, no plano linguístico, para planificar e organizar os modelos narrativos esquemáticos ou padrões narrativos atrelados à organização cultural e que contribuem para dar forma à memória coletiva via mediação semiótica (WERTSCH, 2006). A estória a seguir estrutura-se canonicamente, apresentando “juntura temporal” (LABOV, 1997) iniciada por Pedrina (60), na qual o tópico discursivo gira em torno da mata nativa:



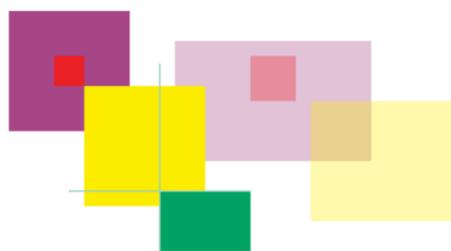
001 Pedrina [isso
002 aqui em Robério aqui
003 **oh** era mata nativa... era::
004 Maria era era ali era mata dali da casa de Graci
005 pra lá aquilo ali era uma matona...
006 Eusébio [só tá o buracão... era mata nativa
007 tinha cada um pezão
008 de jaca menino esquisito... jaca... tinha
009 uma gameleira que quatro home levou oito
010 dia pra derrubar de machado nessa época...
011 foi... a gameleira... () foi (Aglaro)
012 seu Olavo... Edson... Edson (Aglaro)
013 esse::: Olavo... foram quatro pessoas
014 levou dois dias derrubando isso essas
015 quatro pessoas derrubando um pau no machado
016 S.E. porque derrubaram a bichinha?
017 Maria **MAS AÍ** ANTIGAMENTE todo mundo era... era...
018 Eusébio antigamente não tinha negócio de lei não...
019 era o negócio () só queria saber de
020 destruir... era o cara que hoje não tem
021 nada... né agora hoje em dia que tem o A
022 LEI... ainda tem alguma pontinha de mata
023 **ai...**
024 Pedrina **pois é** meu fi... o negócio era assim...

Figura 3 – Excerto 01

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observe-se o trabalho de “costura” narrativa conjunto. Isto é, cada sujeito insere informações acerca dos eventos, no caso, a condição da mata nativa e como o trabalho humano local a modificou ao longo dos anos até mesmo pela necessidade de extrativismo para sobrevivência. Na l. 03, O MD “oh” sinaliza a indicação do lugar onde se passava os eventos. Na l. 17, Maria Benedita (64) insere uma ressalva frente ao questionamento do sujeito entrevistador (S.E.), marcado com a construção “mas aí”. Note-se a estrutura avaliativa na l. 17 a 21, ou seja, os interlocutores traçam perspectivas avaliativas sobre o conteúdo narrado, como em “só queria saber de destruir” nas l. 19-20.

Além disso, na l. 24, dona Pedrina insere uma *coda* no episódio narrado com o MD comentador “pois é” com efeito de fechamento da estória. O enunciado “o negócio era assim” expressa indiretamente uma mudança nas práticas locais relativas ao extrativismo, em razão da legislação ambiental contemporânea. Como os moradores eram sobremaneira dependentes dos recursos imediatos da mata, assim como da agricultura de subsistência – considerando um longo histórico de ausência de políticas públicas (CARMO, 2021a), um subtópico é desenvolvido relacionado aos usos medicinais das plantas.



No caso da construção “de primeiro” na l. 01 do excerto 02, coloca-se em evidência determinado ordenamento do conteúdo mnemônico. A *instrução informativa* (PORTOLÉS, 2001) dessa unidade contribui para sequenciar a informação, ou melhor, os eventos evocados pelos narradores. Com isso, o conteúdo explicitado linguisticamente é textualizado e organizado para os interlocutores.

Isso posto, Maria Benedita (64) e Eusébio (84) relatam como dependiam dos recursos locais para alimentação e questões relacionadas à saúde, em um período em que não havia qualquer tipo de acesso aos serviços públicos de saúde próximos à comunidade:

```
001 Benedita de primeiro não tinha remédio em em nada nada em cura
002 ... tudo tudo tudo
003 Eusébio [não não era tudo ( )
004 tudo aqui era nativo mermo... ogado era criado daqui
005 que a gente tinha gado que ia até Juerana...
```

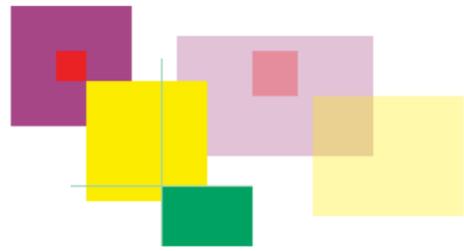
Figura 4 – Excerto 02

Fonte: Elaborado pelo autor.

Interessante notar como a relação com a flora local e os usos de seus recursos para as necessidades imediatas, tal como a dimensão da saúde, é categorizado – “tudo aqui era nativo” (l. 04). Como lembra Paveau (2013), do ponto de vista do discurso, a memória não é só acúmulo de informação, mas também de categorização das vivências. A história da comunidade Arara se liga à formação dos municípios e distritos vizinhos e, por isso, tornam-se lugares de memória.

Em uma nova PE contada pelo sr. Berly Félix da Silva (84), conhecido por Zuza em Arara, o tópico trata de seu hábito de plantar vegetação nativa, desenvolvido justamente por conscientizar-se da necessidade de manter os recursos naturais da comunidade¹¹. É, antes de tudo, considerado um dos guardiões da memória local. Conforme se observa no excerto 03 a seguir, mesmo em turnos de fala em que um locutor constrói com mais vagar uma PE,

¹¹ Importa destacar que sr. Zuza, até à escrita do presente trabalho, continuava a colaborar com sua sabedoria em relação ao conhecimento de sementes nativas, especialmente, para um projeto local chamado *Arboretum* - Núcleo Amburana, juntamente com seu irmão gêmeo Derly Félix da Silva, o sr. Zeco, desenvolvido por uma empresa de eucaliptocultura. O projeto visa, precipuamente, conservar e produzir espécies de sementes e mudas de plantas nativas da Mata Atlântica. Disponível em: <<https://www.programaarboretum.eco.br/nucleo/46/nucleo-amburana>>. Acesso em: 10 maio 2023.



os MD atuam intratopicamente – vide MD “aí” articulando temporal e sequencialmente na l. 02 – como interacionalmente. Na l. 06, o MD “hein” interpela o interlocutor, busca sua atenção, pois a narrativa é construída considerando quem a escuta, no caso o sujeito pesquisador no momento da enunciação e da interação, ocorrida na casa do sr. Zuza:

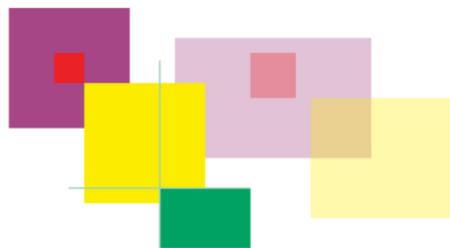
001 Zuza e eu prantei um pé depois que eu me casei e esse já tá dando
002 bastante () [...] aí graças a Deus tem um mocado de pés...
003 e maior a menor tem uma cacetada... agora é hora de rancar
004 as mudinhas mais novas... pra arrancar pra Arboretum... se
005 não fizer assim o povo de hoje em dia não pensa mais nisso
006 **Hein?**... fazer esse tipos de coisa essas capoeira que tem
007 aqui na frente lá na beira na baixada do rio pra chegar no
008 rio... **AH** () gostava

Figura 5 – Excerto 03

Fonte: Elaborado pelo autor.

Note-se ainda que, após a interpelação, sr. Zuza insere um enunciado estruturalmente avaliador na linha 08 via MD interjecional expressivo “ah”, pois liga-se à dimensão emotiva das ações reconstituídas no relato. Sr. Zuza guarda a experiência e o conhecimento prático adquirido por anos com o trabalho no campo, o domínio da mata nativa, saberes sobre sementes, daí a referência às plantações de espécies locais, assim como seu trabalho de compartilhamento desses saberes via projeto *Arboretum*, por sua vez, sustentado por uma empresa de eucaliptocultura com forte presença no Extremo Sul baiano. Nesse contexto, o MD “ah” integra-se à elocução emotivo-avaliativa.

As práticas de produção e táticas de sobrevivência fazem dos velhos de Arara sujeitos que resistem à ausência estatal em diversos aspectos socioeconômicos, especialmente, no que tange à produção da agricultura familiar. No trecho abaixo, dona Eloísa (78) reflete criticamente nessa situação, uma vez que muitos moradores da comunidade buscam formas de sobrevivência no campo, tal como ela mantém pequena produção de subsistência e, ao narrar as dificuldades para construir uma pequena farinha artesanal, reflete na inexistência de suporte do poder público para essa implementação. Daí, pois, a disparidade entre as condições práticas de sustento e a ausência de políticas públicas de suporte ao sujeito do campo, expressa pela articulação do MD “quer dizer”:



001 Eloísa que guerra braba esse home tá fazendo ISSO É UMA GUERRA...
002 **quer dizer** que as coisas sobe e o salário baixa? o pobre
003 vai viver de quê?... vai querer com o pobre pra ser
004 obrigado ser ser mendingo aí direto?

Figura 6 – Excerto 04

Fonte: Elaborado pelo autor.

As memórias de trabalho, campo e natureza são fundamentos da construção dos sentidos de pertença à Arara e referências centrais na articulação do próprio discurso, sendo a própria razão de ser dos sujeitos, enquanto marcas identitárias (CARMO, 2021a).

4.2. Memórias da natureza, trabalho e vivências no campo

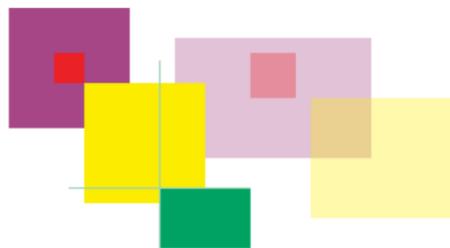
As identidades sociais, seja individual ou coletivamente elaboradas, são realidades discursivas, implicando uma visão socioconstrucionista dessas elaborações nas narrativas (MIEROOP, 2015), já que há um denso processo de negociação de identidades na conversação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2011). Para que esse processo se efetive, em nível pragmático, os MD fornecem pistas inferenciais e realizam conexões tópico-linguísticas.

Isso posto, no excerto 05 presente na Figura 07 a seguir, vê-se que Benedita avalia as mudanças comportamentais e os modos de convivência, apontando para diferenças geracionais. Então, o tópico sobre festas é inserido na l. 05, ao que o sujeito entrevistador menciona sobre um dos moradores de Arara mais velhos ainda vivos, tendo 105 anos, o sr. Cimídio na l. 07:

001 Benedita mais e hoje em dia ou naquela época era melhor
002 S. E. porque dona Benedita?
003 Benedita é porque assim a gente assim num tinha TINHA MUITA
004 AMIZA::: DE.. e hoje em dia... é... hoje em dia a
005 gente aquelas ... tinha festa... tinha...
006 S.E. quem me falou de festa quando lembrou de Arara
007 lembrou de festa foi seu Cimídio...
008 Benedita **AH:::** PRIMO NOSSO! (RISOS) é parente
009 Pedrina ele saiu daqui você não sabe () ele é capaz de
010 saber donde é a Igrejinha...
011 Benedita lá embaixo **oh** lá embaixo... a gente ia em festa...

Figura 7 – Excerto 05

Fonte: Elaborado pelo autor.



O MD interjucional “ah” exprime a carga emotiva da lembrança, já que as interlocutoras não tinham contato com o primo e antigo morador de Arara há anos. O sr. Cimídio, como centro tópico da lembrança, tem relação com aqueles que eram as primeiras referências da comunidade. Embora apenas fragmentos de uma PE começa esboçar-se, o excerto 05 exprime o trabalho colaborativo da memória. Porém, em turnos de fala mais longos, nos quais o fluxo interativo é relativamente menor, a pessoa idosa pode empreender o esforço de rememoração com mais vagar e, por vezes, uma PE é construída com maior completude, tal como ocorre no excerto 06, ainda sobre o tópico “festas”. Assim, no trecho abaixo, dona Eloísa relembra as quermesses que ocorriam na fazenda Cascata¹², vizinha à comunidade, na qual muitos de Arara trabalharam na juventude:

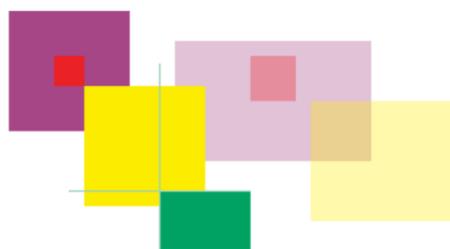
001	Eloísa	nesse tempo tinha festa de São Bernardo...
002		ARROJA::DA festa mesmo fala::da festa de
003		todo mundo ia né ... hoje que acabou isso num
004		tinha transporte o transporte que tinha era
005		o véi Quincas que tinha um dodge aí na
006		Cascata um dodge... o carro que tinha o
007		dodge do véi Quincas... panhava cacau
008		panhava tudo...
009	S. E.	essa festa de São Bernardo acontecia onde?
010	Eloísa	lá em Alcobaça... Alcobaça...lá ne
011		Alcobaça... pois é ... aí nós...fomo pra lá
012		casou no dia dezessete de agosto me alembro
013		até hoje... né ... e daí pra cá foi só
014		sofrimento...

Figura 8 – Excerto 06

Fonte: Elaborado pelo autor.

A narradora, mesmo livre para narrar em seu próprio tempo, busca interlocução via MD “né” na l. 03 e l. 13. As narrativas moldam as representações do passado (WERTSCH, 2006) e essas, por sua vez, mediatizadas pela linguagem passam pela gestão inferencial dos MD, tal como ocorre ainda na l. 11, no momento em que o MD comentador “pois é” - seguido de uma pausa prosódica - e outro MD “aí” articulam temporalmente a PE, inserindo uma mudança tópica, já que dona Eloísa (76) inicia a estória de seu casamento. As representações do passado moldadas na PE do excerto 06 são interessantes pela antítese categorizadora: festas-arrojadas *versus* casamento-sofrimento.

¹² Conforme pesquisa de Carmo (2021a) via narrativa de velhos, a referida fazenda foi uma propriedade colonialista importante, na qual muitos camponeses dependeram das produções de café, cacau, dentre outros.



Ainda em uma PE com o tópico “festas”, destaca-se como os MD contribuem para articular o que Hirst e Echterhoff (2012) chamam de *memória transativa*, isto é, a colaboração entre sujeitos na construção de uma memória preenchendo lacunas uns dos outros no discurso, pois há maior controle da rememoração, confiança e vivência partilhada:

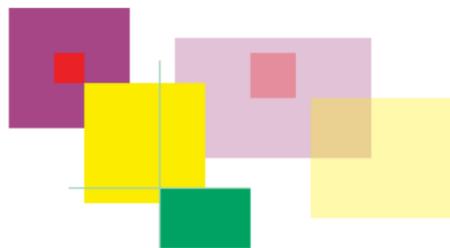
001	Todas	AH E:::RA...	
002	Benedita	era janeiro janeiro	
003	Sinéis		[janeiro fevereiro... eh :...
004	S. E.	depois da reza...	
005	Benedita	ERA O SAM:::BA era o samba a gente só ia pra ver por	
006		gostava de dançar sambá ... a gente sambava mermo...	
007		sambava...	
008	Graci	EH ::: MENINO...	

Figura 8 – Excerto 07

Fonte: Elaborado pelo autor.

No excerto acima, as narradoras buscam construir as referências de tempo, quando ocorriam as festas religiosas, tais como as voltadas para São Benedito e São Bernardo muito comuns em Arara no passado. Para tanto, os MD interjecionais, bastante orientados à interação (RISSO; SILVA; URBANO, 2002) e ao controle de contato (PORTOLÉS, 2001), presentes nas l. 01, 03 e 08. Além disso, observa-se o que figura o caráter distribuído da memória, porquanto cada sujeito contribui com “porções” do evento narrado, por vezes sua versão do ocorrido ou a confirmação de certas informações, como se vê nas l. 01 a 03.

Convém endossar que festas, religiosas ou não, foram práticas e costumes centrais no processo de coesão social dos primeiros moradores da comunidade Arara, sendo ainda uma importante memória coletiva (ABREU, 2010; CARMO, 2021a; 2021b). As lembranças evocadas comumente se marcam por afetos ou emoções positivas, inclusive pela entonação enfática, como se vê nas l. 01, 05 e 08 no excerto 06. Concomitante à afetividade exprimida prosodicamente, tem-se ainda a marcação do planejamento *in loco* da fala, mormente relacionado também aos lapsos de memória do sujeito idoso (PRETI, 1991), como ocorre na l. 03 com o MD “eh” prolongado na fala de dona Sinéis na tentativa de lembrar-se com exatidão do mês no qual ocorriam as festas e os memoráveis sambas. Na l. 08, a expressão “menino” forma uma construção com o MD – “eh menino” com função interativa, interpelando ou remetendo-se à presença do interlocutor.



4.3. Lembranças de vivências e experiências difíceis

A pesquisa com memória implica lidar com representações positivas, tais como as desenvolvidas nos excertos explorados nas subseções anteriores, mas também imagens, referências e conteúdos negativos. O trabalho da memória (BOSI, 2004) e, no caso de comunidades rurais negras, envolve compreender as zonas de conflitos, esquecimentos e interditos. Por isso, a presente subseção precisou enfrentar essas outras “margens” da memória, uma vez que na construção das PE, tais como as realizada por dona Eloisa a seguir, apresentaram inúmeros MD na construção discursiva da narrativa. No excerto 08, dona Eloisa rememora sua travessia recente pelo tratamento contra um câncer intestinal. Os sofrimentos do tempo presente e do passado recente se entrelaçam:

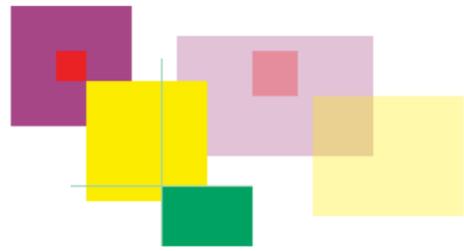
```

001  Eloísa      aí a doutora veio de lá a doutora Priscila "oh dona
002            Eloísa eu quero conversar com a senhora... a senhora me
003            disse tudo que a senhora tivesse a senhora queria que
004            a gente falasse não foi" "FOI sim inclusive que... aí
005            ela "é... eu não ia falar pra senhora não mas... a
006            senhora tá com câncer" eu digo "é doutor" "é::" aí eu
007            perguntei logo ela: "maligno ou benigno?" ela disse "é
008            maligno"... eu digo "ah doutora então é certeza eu tinha
009            que preparar minha vida... porque não tem jeito não
010            doutora... ( ) esse tal de câncer principalmente não
011            tem jeito... aí ela disse AÍ E OUTRA COISA
012            [...]
013            ela disse assim os médico "oh dona Eloísa a senhora tá
014            preparada pra operar?" eu digo "Em nome de Jesus tô"...
015            "então tá bom"... ( ) "então tá bom vamo embora pra
016            mesa de operação"...
```

Figura 9 – Excerto 08

Fonte: Elaborado pelo autor.

Importa destacar ainda como a multiplicidade de vozes é articulada pelos MD do ponto de vista enunciativo, devido à natureza heterogênea e polifônica da língua (AUTHIER-REVUZ, 2015). Na l. 01 o MD “aí”, muito produtivo no *corpus* e no trecho, sinaliza a sequenciação temporal e interativa da PE. Na l. 04, o MD aditivo “inclusive” insere novas informações, consoante lembranças que insurgem no decurso da construção da narrativa. Na l. 15, a construção “então tá bom” funciona como um MD “comentador”, sinalizando a concordância. A PE é constituída *in loco* “alinhavando” a voz da narradora e dos sujeitos envolvidos na experiência recapitulada como discursos reportados. Em outras palavras, dona Eloisa reconstitui as cenas e os diálogos na ocasião do diagnóstico de câncer e da necessidade de cirurgia.



Na PE acima, vê-se a inclinação da própria enunciação espelhar as vozes sociais, melhor dizendo, vozes refletidas na performance narrativa em si (WERTSCH, 2006). Mesmo sendo relatos pessoais, PE em turnos longos, dona Eloísa evoca outras vozes partícipes da experiência e enuncia, interpelando sua audiência, considerando o sujeito entrevistador (S.E.) que a escuta:

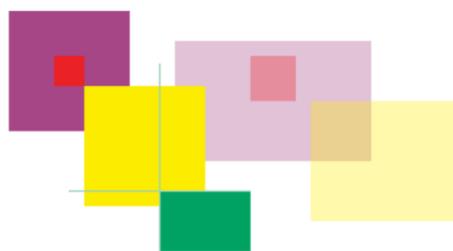
```
001 Eloísa OH:::: meu Deus do céu eu casei com esse home mas
002 sofri... SOFRI sofri sofri:: viu? que o homem me dava
003 era só filho... pra mim vestir uma roupa era minha mãe
004 que me dava... viu? eu fui muito sofrida MUI::TO
005 sofrida... mui::to sofrida... mas diz que o sofrimento
006 vem na frente... e::: a liberdade vem atrás...
```

Figura 10 – Excerto 09

Fonte: Elaborado pelo autor.

De fato, a interpelação se marca com o MD “viu” nas l. 02 e 04 do excerto 09 e, embora não seja o foco deste artigo descrever os MD conectores, nas l. 04 e 05, a categorização construída no enunciado “eu fui muito sofrida” é, inferencial e enunciativamente, contrastada com a expressão reportada “diz que o sofrimento vem na frente e a liberdade vem atrás”, marcada pelo MD contra-argumentativo “mas” nas l. 05 e 06. Tendo vencido o tratamento contra o câncer, dona Eloísa articula o passado e o presente, temporalidades que se entrecruzam na imagem de sofrimento do casamento e da doença.

Com efeito, uma vez que a lembrança é tornada transmissível na materialidade linguística enquanto imagem cognitiva, já que a memória no discurso não está “enclausurada no espírito dos indivíduos, [mas] está distribuída nos outros discursos e discursos outros” (PAVEAU, 2013, p. 116), assim como se distribui no mundo ao redor. Isso fica evidente, por exemplo, no excerto 09 no qual dona Eloísa categoriza sua vida como “sofrida”, bem como no excerto 06 ainda categoriza as festas como “arrojadas” ou no excerto 05 dona Maria Benedita o faz com a expressão “tinha mais amizade”. Vê-se, pois, que embora nem todos os excertos apresentem a estrutura canônica, a análise via modelo das PE permite uma sobreposição interpretativa. Além disso, a questão da reportabilidade é fundamental, porquanto endossa o porquê de o sujeito narrar determinada experiência. Por exemplo, dona Eloísa, na l. 04 do excerto 09, ao enunciar “eu fui muito sofrida”, não só categoriza as imagens de suas lembranças, as quais dá materialidade discursiva, como também exprime a avaliação da PE contada entre as l. 01-04.



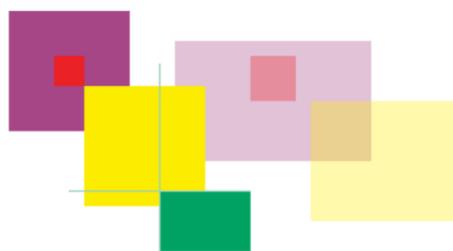
Urge destacar que no *corpus* de Carmo (2021a; 2021b; 2023) nem todas as PE apresentam canonicidade e os graus de reportabilidade são variáveis. Nesse processo de “textualização” ou discursivização da memória, os MD, como já afirmado, facilitam o trabalho inferencial a ser empreendido pelos interlocutores, diminuindo o esforço cognitivo como um todo (BLAKEMORE, 2002; PORTOLES, 2001). Em suma, os MD não portam informações mnemônicas nem conceituais, porém atuam na “costura” inferencial, textual e interativa dos demais elementos envolvidos no processo de construção narrativa da memória.

A descrição da textualização a partir da noção de tópico discursivo permite explicitar as multicamadas dos elementos que se inter-relacionam na constituição textual-interativa do *corpus*. Dessa forma, a partir da análise empreendida, a reconstrução da versão narrativa constante em cada PE, pode ser assim resumida:

Tabela 6 – Tópico discursivo central de cada PE.

Excerto	Conteúdo narrativo
01	Do o extrativismo da mata nativa no passado em função das necessidades de sobrevivência locais.
02	Da dependência dos recursos imediatos presentes na flora local.
03	Dos hábitos de plantio, do conhecimento da mata, das vivências e importância do reflorestamento.
04	Das dificuldades de sobrevivência no campo.
05	Dos moradores antigos e da convivência na comunidade no passado.
06	Das festas de São Bernardo na fazenda Cascata e em Alcobaça (BA).
07	Da época em que se realizavam as festas e sambas na comunidade.
08	Do período da vivência e cirurgia de câncer de Eloisa.
09	Da experiência do casamento de Eloisa.

Fonte: Elaborado pelo autor.



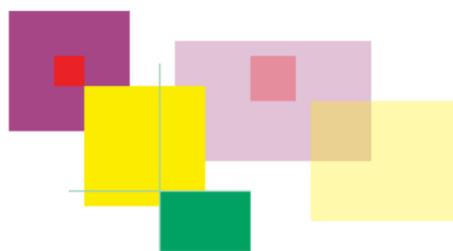
Na verdade, tem-se nesses e em outros tantos exemplos no *corpus* o trabalho da memória na construção narrativa (NORRICK, 2019), a relação da memória com os sentidos construídos na construção do tópico discursivo, tendo ainda uma profunda imbricação entre o plano discursivo e o plano textual-interativo para o entendimento dos lugares de memória na conversação (Carmo, 2021b; 2023), posto ainda que “os lugares de memória discursivos são essencialmente [mas não unicamente] lexicais” (PAVEAU, 2013, p. 107).

Considerações finais

Considerando os objetivos e recortes traçados neste trabalho, importa salientar que, de uma ponta, tem-se o trabalho da memória articulado no discurso e construído na interação comunicativa, na performance narrativa colaborativamente entre narradores envolvidos. Nesse contexto, esquemas estruturantes são aventados pelas formas diversas de se relatar as experiências. Em geral, focou-se nas PE como mote de se localizar o mosaico de vivências tornadas “visíveis” via materialidade linguística. Da outra ponta, dentre os inúmeros recursos linguísticos dessa materialidade, no presente caso, os MD emergem articulando os fios enunciativos que dão expressão ao agir narrativo.

Entre uma extremidade e outra, há multicamadas de elementos intervenientes, tais como os processos inferenciais decorrentes do uso dos MD, o conteúdo mnemônico decorrente das singularidades das experiências de cada sujeito e modos socioculturais de interação. Por essa razão, a descrição das unidades presentes na enunciação e no discurso vigora fazer maior sentido, ao passo que a contextualização e reconstrução da memória colocam em evidência os sujeitos, suas estórias e peculiaridades.

Contudo, urge endossar que entre uma dimensão analítica e outra não se pressupõe um contínuo, já que são instâncias distintas, embora inter-relacionadas, as quais a presente análise considera. Com efeito, os MD não portam significado conceitual, apesar de seus sentidos procedimentais serem construídos no uso, tendo estabilidade relativa. Ainda conforme a literatura acerca dessas unidades, os MD funcionam em diferentes domínios, tais como o textual, expressivo, cognitivo, mas também social. A descrição evidencia que o processamento inferencial realizado por essas unidades no decurso da construção do texto conversacional caminha *pari passu* ao processo de categorização discursiva que expressa ou dá materialidade ao conteúdo mnemônico.



De todo modo, a descrição e análise empreendidas demonstraram alguns dos mecanismos e funcionalidades dos MD na conarração e articulação textual-discursiva da memória, conforme a problemática orientadora. Mostra-se, portanto, que a memória – linguisticamente materializada nas PE - é textual e interativamente “alinhavada” por diferentes MD, bem como suas instruções formulativas, informativas e pragmáticas corroboram com o trabalho inferencial próprio de toda comunicação verbal e, apesar das limitações esperadas nas elocuições de idosos (PRETI, 1991), há um extenso trabalho colaborativo, heterogêneo e afetivo neste processo.

Em virtude dos limites desta pesquisa, como desdobramentos possíveis, importa aprofundar, em trabalhos futuros, a descrição e análise dos MD conectores presentes no *corpus*, com foco na articulação basicamente textual e nas instruções argumentativas, bem como melhor explicitar os processos de categorização constituídos no discurso e o papel da memória discursivo-cognitiva neste processo, já que essas questões foram apenas pontuadas no presente trabalho.

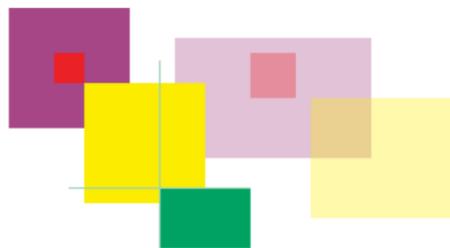
Nesse contexto analítico, entre lembranças de sofrimento, de amigos, da vida de trabalho e das festas, os narradores e as narradoras de Arara demonstram que a memória e a linguagem de sujeitos das inúmeras comunidades rurais negras brasileiras buscam legitimidade e ressonância. O trabalho analítico com o modelo das pequenas estórias vigora contribuir para evidenciar as narrativas dos sujeitos sociais, mormente deixados às margens da pesquisa científica. Finalmente, tomando de empréstimo a sabedoria de dona Eloisa, quanto à resistência da experiência, da memória e da linguagem de Arara e de tantas outras comunidades de fala: “o sofrimento vem na frente e a liberdade vem atrás”.

Referências bibliográficas

ABREU, E. L. B. Identidade cultural: Comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. **Revista África e Africanidades**, n. 8, p. 01-12, 2010.

ANTHONY, L. **Developing AntConc for a new generation of corpus linguists**. 2013. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/research/20130722_26_cl_2013/cl_2013_paper_final.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. Trad.: Heber Costa e Silva e Dóris de Arruda C. da Cunha. **Investigações**, v. 28, n. Especial. Recife: UFPE, 2015.



BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127. 2004.

BASTOS, L. C.; BIAR, L. A. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 97-126, 2015.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (Orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

BLAKEMORE, D. **Relevance and meaning**: the semantics and pragmatics of discourse markers. United Kingdom: Cambridge University Press, 2002.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 02, n. 01, p. 68-80, 2005.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília – DF, n. 98, p. 44-46, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_16.htm>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CARMO, B. B. S. “**Era assim que era...**”: memórias, narrativas de velhos e sentidos de comunidade em Arara – Teixeira de Freitas (BA). 2021. 129f. Tese (Doutorado em Estado e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Sosígenes Costa, Porto Seguro, 2021a.

CARMO, B. B. S. Análise narrativa e memória social: retratos em pequenas histórias da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). **Investigações** (online), Recife, v. 34, p. 01-31, 2021b.

CARMO, B. B. S. Sobreposições na co-construção da memória na conversação: um estudo com narrativas de velhos da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). **Signótica**, Goiânia (UFG), v. 35, p. 01-34, 2023.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

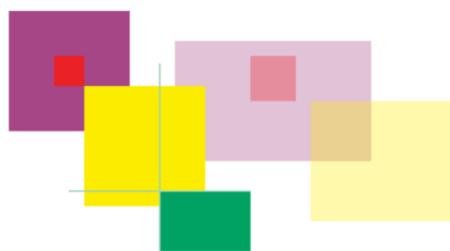
COURTINE, J. J. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, Cuiabá: UFMT, v. 12, n. 02, p. 01-13, 2006.

COUTRIM, R. M. E. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 9, n. 3, pp. 67-88, 2006.

FLANNERY, M. R. S. **Uma introdução à análise linguística de narrativa oral**: abordagens e modelos. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada v. 42. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

GEORGAKOPOULOU, A. Small stories research. *In*: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (orgs.) **The handbook of narrative analysis**. London: Willey Blackwell, 2015, p. 256-271.

GOODWIN, C. Narrative as talk-in-interaction. *In*: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **The handbook of narrative analysis**. London: John Wiley & Sons, 2015, pp. 195–218.



HIRST, W.; ECHTERHOFF, G. Remembering in Conversations: The Social Sharing and Reshaping of Memories. **Annu. Rev. Psychol.**, Princeton, v. 63, n. 21, p. 01-25, 2012.

JUBRAN, C. C. A. S. "Revisitando a noção de tópico discursivo". In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas: IEL/Unicamp, v. 48, n. 1, p. 33-42, 2011.

JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. S. (Org.) **A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 85-126.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. A noção de 'negociação' em análise da conversação: o exemplo das negociações de identidade. Tradução de Fernando Afonso de Almeida. In: **Gragoatá**, Niterói, n. 11, p. 157-176, 2011.

LABOV, W. Alguns passos iniciais na análise da narrativa. Tradução de Ferreira Netto. **The Journal of Narrative and Life History**, New Jersey v. 7, n. 01-04, p. 395-415, 1997.

NORRICK, N. R. Collaborative remembering in conversational narration. **Topics in Cognitive Science**, New Jersey v. 11, p. 733-751, 2019.

PAVEAU, M. A. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 5, p. 137-161, 2015.

PAVEAU, M. A. Os pré-discursos. Tradução Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos marcadores discursivos. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 34, p. 1296-1301, 2005.

PENHAVEL, E. O funcionamento de marcadores discursivos no processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos. **Revista Línguas**, Campinas, n. 2728, p. 63-84, 2011.

PORTOLÉS, J. **Marcadores del discurso**. Barcelona: Ariel S.A, 2001.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

PRETI, D. (org.). **O discurso oral culto**. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M.O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português Falado**. 2 ed. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância: comunicação e cognição**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

WERTSCH, J. V. The Narrative Organization of Collective Memory. **Ethos**, Brooklyn v. 36, n. 01, p. 120-135, 2006.

Submissão: 09/06/2023

Aceite: 19/10/2023